DUARTE, Gilber Martins. Por uma abordagem linguístico-discursiva da língua portuguesa: um breve recorte! Dossiê Funcionamentos discursivos de livros didáticos e de materiais didáticos: possibilidades de análise e de trabalho. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 156-165, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

# POR UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM BREVE RECORTE!

*FOR A PORTUGUESE LANGUAGE-DISCURSIVE APPROACH: A SHORT CUT!*

Gílber Martins Duarte[1]

Os estudos realizados ao longo da minha trajetória acadêmico-profissional, atuando na área de Linguagens, especificamente no ensino de Língua Portuguesa, desde longa data, nos têm interpelado em direção a uma prática pedagógica que não se enquadra tão somente no que o vulgo costuma chamar de abordagem linguística da língua. Não que a abordagem linguística seja inferior ou desnecessária ou algo assim. Há concordância com o fato de que o linguístico possui lugar especial nos estudos de uma língua x ou y. O que defendemos não é partidarizar as teorias, colocando uma abordagem em detrimento de outra, principalmente em se tratando das abordagens a serem escolhidas para serem praticadas no espaço social intitulado aula de Língua Portuguesa. Tomamos posição de que tanto as teorias linguísticas, quanto as teorias discursivas devem ser trazidas, quando do trabalho em sala de aula. O que não concordamos é que as teorias discursivas devam ser alijadas do processo, como muitas vezes ocorre nos ensejos em que o trabalho docente foca unilateralmente no linguístico e apaga a dimensão discursiva da linguagem. Para deixar claro, defendemos também que o oposto não deva acontecer, que o docente imbuído de uma formação discursiva comece apagar a dimensão linguística da língua. Qualquer um dos extremos deixaria o trabalho com a Língua Portuguesa mais empobrecido e essa posição não tem a nossa aquiescência.

O fato, contudo, é que a norma não é o discursivo apagar o linguístico, o que se vê muito, tanto em livros didáticos, quanto em provas de concurso, observando-se as mais diversas bancas examinadoras, ou mesmo em aulas de língua materna das mais variadas possíveis, é a abordagem linguística apagando a abordagem discursiva da linguagem. Isso cria uma falsa ideia acerca do que vem a ser ensinar-estudar a Língua Portuguesa. Nossa luta, coloquemos no terreno da luta, é para que o discursivo não seja esquecido dos estudos da linguagem como se fosse algo menor ou algo que não coubesse no processo. Temos um blog,

[1] Doutor em Estudos linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, Uberlândia-MG. Email: gshaibabibi@gmail.com.

cujo endereço é https://professorgilber.wordpress.com/, em que materializamos, no material didático que elaboramos, essa batalha para tentar aliar a abordagem linguística e a abordagem discursiva nas aulas de Língua Portuguesa. Sabemos que se trata de um trabalho modesto, mas o objetivo é colocar em pauta o debate e instigar os que nos leem a prosseguir com a luta político-pedagógica.

Em tempos em que setores sociais advogam o discurso da escola sem partido, falar em abordagem discursiva da Língua Portuguesa soa como se fosse uma heresia, pois o linguístico supostamente neutro e universal seria tido como o científico a se saber. Porém, para retomar o nosso velho e bom Pêcheux, há mais "coisas-a-saber" do que sonham os advogados do obscurantismo. Nesse sentido, não podemos deixar que se apague a roda da história da luta de classes. Ousemos "a transformação das relações de produção", ousemos a heresia, mesmo em conjunturas em que "a reprodução das relações de produção" corre solta e a passos largos. Vamos, portanto, aqui, nesse ensaio, pontuar o lugar do discursivo no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Aos que quiserem ver nosso trabalho de elaboração didática mais robusta, por uma abordagem linguístico-discursiva da Língua Portuguesa, voltada especialmente para estudantes de ensino fundamental, sugerimos que acessem o endereço do Blog citado acima. Por uma questão de recorte, vamos demonstrar neste ensaio uma possibilidade de tratar a abordagem discursiva em *corpora* voltados para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa de um modo mais genérico. O intuito é interpelar no sentido de impulsionar formulações didáticas outras que também demarquem a dimensão discursiva dos estudos da língua.

Antes de prosseguir, um pouquinho de teoria. Sabemos que para Pêcheux & Fuchs (1975), no processo discursivo, há o esquecimento número 1 por parte do sujeito, aquele em que o sujeito tem a ilusão de ser origem de seu discurso. Do mesmo modo, também há o esquecimento nº 2, aquele em que o sujeito tem a ilusão de que só existe uma forma de dizer aquilo que se diz, quando na verdade o sujeito sempre escolhe alguns dizeres em detrimento de outros, sempre privilegia algumas formas linguísticas em detrimento de outras e todas essas escolhas produzem seus efeitos de sentido. Como trazer essa postulação teórico-discursiva para as aulas de Língua Portuguesa? Onde caberia a formação de uma consciência discursiva acerca da língua, mesmo que não se postulem teorias complexas para o estudante da escola básica? De acordo com nossa perspectiva, isso pode ser feito através de leituras formuladas pelo professor-pesquisador, ampliando o olhar dos estudantes sobre as

discursividades presentes nos *corpora* trabalhados em sala de aula, indo além da superfície, indo além do famoso "o que o(a) autor(a) quis dizer?". Essa questão, como se sabe, a partir de uma abordagem discursiva da linguagem, faz parte do esquecimento número 1, que acredita na ilusão de que o(a) autor(a) seria a origem do sentido daquilo que é dito, apagando o fato de que o sujeito autor(a) toma posição em uma rede de sentidos econômico-político-social-histórico-cultural-ideológicos.

Formar o(a) estudante para uma leitura discursiva dos *corpora*, portanto, pressupõe formulação de enunciados que vão além da superfície linguística, solicitando aos aprendizes que avaliem a pertinência ou não desses enunciados, quando confrontados com os *corpora* em análise em sala de aula. Temos utilizado de formulações enunciativas que pautam por (V) ou (F), em que o(a) aprendiz é convidado a analisar a pertinência ou não das análises discursivas realizadas. Da mesma forma em que o(a) estudante é sempre convidado(a) a fazer formulação escrita acerca do *corpus* que lhe é dado a pensar. Essa é uma porta de entrada, acreditamos, para que o(a) estudante aprenda a mergulhar cada vez mais na sua constituição de leitor capaz de ler discursos socialmente constituídos.

Contudo, antes de demonstrar na prática a defesa de atividades de sala de aula que incluam aspectos da abordagem discursiva, façamos alguns apontamentos sobre o ato de interpretar, de um ponto de vista discursivo pêcheutiano. Conforme esse autor, é preciso lembrar sempre que:

> o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe "em si mesmo" (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (PÊCHEUX, 1997, p.160)

Qual a implicação dessa concepção nas aulas de Língua Portuguesa? Simples. Não há leitura transparente, não há sentidos fechados, não há a interpretação última, quando adotamos uma perspectiva discursiva. Mesmo que apontemos discursivamente leituras possíveis acerca de um dado *corpus*, não podemos nos esquecer, conforme nos ensinara Pêcheux (1997), de que o sujeito, perante qualquer *corpus*, pode se identificar (interpretar concordando com o que lhe é dado a pensar por meio da linguagem); se contraidentificar (interpretar fazendo questionamentos sobre o que lhe é dado a pensar por meio da linguagem); ou ainda se

desidentificar (interpretar rompendo totalmente com o que lhe é dado a pensar através da linguagem). Essas noções são importantes, para, enquanto professores balizados por uma concepção discursiva da língua, sabermos que não podemos nos fechar para as leituras outras que possam surgir no processo de estudo de uma língua, quaisquer que sejam as amostras linguístico-discursivas em análise. Portanto, o caminho didático que elaboramos a seguir apenas aponta trilhas, o diálogo em sala de aula e a escrita por parte dos estudantes sempre precisam dar margens para os olhares outros acerca do que estiver sendo estudado.

Vamos analisar o discurso, formulando enunciados que descrevam as implicaturas do esquecimento número 1 e número 2 na dimensão da linguagem? Com uma ressalva, ressaltando que sempre haverá espaço para que o estudante possa interpretar identificando-se, contraidentificando-se ou mesmo desidentificando-se do lhe é dado a pensar/interpretar. Vejamos a abordagem discursiva do corpus a seguir.

Tirinha 1




Fonte: www.google.com Acesso em 08/09/2020

1-Em relação ao *corpus* acima, marque (V) para os efeitos de sentidos pertinentes ao texto-discurso e (F) para efeitos de sentidos não pertinentes. Justifique sua resposta.
a-(  ) Percebe-se[2] o discurso patronal que exige que o trabalhador produza sempre mais e mais rápido;
JUSTIFICATIVA[3]:

b-(  ) Percebe-se o discurso de elogio aos patrões que cobram muito de seus funcionários;
JUSTIFICATIVA:

c-(  ) Percebe-se o discurso de que o salário do trabalhador não é pago pelo patrão, mas sim pelo trabalho do próprio trabalhador;
JUSTIFICATIVA:

d-(  ) Percebe-se o discurso de que o trabalhador é explorado, pois este gera uma riqueza de 240 reais por dia para empresa, mas seu salário é só de 20 reais por dia;
JUSTIFICATIVA:

e-(  ) Percebe-se o discurso de que o patrão paga bem o trabalhador;
JUSTIFICATIVA:

f-(  ) Percebe-se o discurso de que a mercadoria vendida pelo patrão na realidade foi toda produzida pelo trabalho do trabalhador;
JUSTIFICATIVA:

g-(  ) Percebe-se o discurso de que as máquinas adquiridas pelo patrão foram conquistadas, vendendo-se as mercadorias produzidas pelo trabalhador;
JUSTIFICATIVA:

h-(  ) Percebe-se o discurso de que os patrões sempre falam a verdade para seus funcionários;
JUSTIFICATIVA:

i-(  ) Percebe-se o discurso de que os patrões omitem fatos contábeis de seus funcionários, pois evitam evidenciar que os exploram;
JUSTIFICATIVA:

j-(  ) Percebe-se o discurso de que patrões e trabalhadores possuem os mesmos ganhos;
JUSTIFICATIVA:

[2] Ao descrever o enunciado acerca do *corpus* em análise como a "percepção de um dado discurso", o objetivo é procurar escapar de uma interpretação impregnada do esquecimento número 1, ou seja, não importa considerar "intenções" e/ou "propósitos" de um suposto sujeito autor, o que importa é perceber o discurso enquanto instância sócio-histórico-econômico-cultural-ideológica.
[3]Nessa justificativa, que pode ser oral ou escrita, a critério do(a) professor(a), o(a) estudante é interpelado(a) a se posicionar, identificando-se, contraidentificando-se ou desidentificando-se com o que lhe é dado a pensar/interpretar.

k-(  ) Percebe-se o discurso de que os patrões ganham dinheiro não pagando todo o trabalho realizado pelo trabalhador (Ex.: trabalhador produz 240 reais de mercadoria e recebe só 20 reais em troca);
JUSTIFICATIVA:

l-(  ) Percebe-se o discurso de valorização da exploração feita pelo patrão;
JUSTIFICATIVA:

m-(  ) Percebe-se o discurso de crítica à exploração feita pelo patrão;
JUSTIFICATIVA:

n-(  ) Percebe-se o discurso de que há luta de classes no campo social;
JUSTIFICATIVA:

o-(  ) Percebe-se o discurso de questionamento da reprodução[4] das relações de produção;
JUSTIFICATIVA:
p-(  ) Percebe-se o discurso de naturalização da reprodução[5] das relações de produção;
JUSTIFICATIVA:

q-(  ) Percebe-se o discurso de que as relações de poder[6] entre patrão e funcionários funcionam de forma simétrica;
JUSTIFICATIVA:

2-Por que esse enunciado e não outro[7] em ***"Cuidado! Eles podem ouvir"?*** Justifique sua resposta.
a-(  ) o receio do patrão de que os trabalhadores fiquem sabendo que são explorados/enganados;
b-(  ) a preocupação do patrão em não perturbar o trabalho de seus funcionários;
c-(  ) a preocupação do patrão com a manutenção de um ambiente de silêncio na fábrica;
JUSTIFICATIVA:

3- Por que esse enunciado e não outro em ***"- Aonde vai buscar o dinheiro para lhe pagar? – Vendo a mercadoria! –E quem faz a mercadoria? – ELE!"?*** Justifique sua resposta.
a-(  ) que o patrão se esforça muito para pagar o salário do trabalhador;

[4] Nessa questão, procura-se capturar o que Pêcheux tanto nos ensinou em sua obra: "a ideia de que a reprodução das relações de produção não necessitaria ser explicada, porque "caminham por si mesmas", *tanto que não são atingidas* mesmo que não se levem em consideração as *falhas* e os *malogros* do sistema, é uma ilusão eternalista e antidialética. Na realidade, a reprodução, bem como a transformação, das relações de produção é um *processo objetivo* cujo **mistério é preciso desvendar**, e não um simples estado de fato que bastaria ser constatado." (PÊCHEUX, 1997, p. 148) (grifo em negrito nosso)
[5] Ibid, p. 148.
[6] Nessa questão, aborda-se uma noção teórico-discursiva bastante enriquecedora para os estudos da língua, qual seja, a captura das relações de poder presentes nas discursividades. Nas palavras do próprio autor: "Trata-se (…) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (…) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (…) Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício." (FOUCAULT, 1979, p. 182).
[7] Com essa formulação, o objetivo é lembrar que, em uma interpretação discursiva, não é preciso estar tomado pelo esquecimento número 2, ou seja, há de se ressaltar que todo enunciado é uma escolha que poderia ser outra. E ao ser uma formulação x e não ser uma outra formulação y, isso provoca seus efeitos de sentido.

b-( ) que o patrão sacrifica-se vendendo suas mercadorias para pagar o salário do trabalhador;
c-( ) que na verdade é o esforço do trabalhador que gera as mercadorias que pagam o seu próprio salário;
JUSTIFICATIVA:

4- Por que esse enunciado e não outro em ***"-Quanto lhe paga? – 20 reais por dia... (...) - E quanta mercadoria faz ele por dia? – Num total de 240 reais***"? Justifique sua resposta.
a-( ) que o trabalhador gera muito pouca riqueza para a empresa;
b-( ) que o trabalhador recebe um salário bastante justo (20 reais por dia) diante da pequena quantidade de mercadoria que produz (240 reais por dia);
c-( ) que o trabalhador gera muito mais riqueza para empresa (240 reais por dia) do que o salário que recebe em troca (20 reais por dia);
JUSTIFICATIVA:

5- Por que esse enunciado e não outro em **"Então não é você que lhe paga, mas é ele que lhe paga 220 reais por dia para que lhe diga que trabalhe mais depressa"**? Justifique sua resposta.
a-( ) um elogio à esperteza do patrão em relação à sua brilhante capacidade de gerenciar o trabalho do trabalhador;
b-( ) uma crítica ao poder de mando dos patrões, desmascarando a explicação contada por eles, quando os mesmos dizem que pagam o salário do trabalhador, sendo que, na verdade, é o trabalhador que produz dinheiro para enriquecer os patrões;
c-( ) uma valorização do bom comportamento do trabalhador, que aceita receber ordens dos patrões sem reclamar;
JUSTIFICATIVA:

6-Mais-Valia é o nome dado para a parcela de trabalho que o trabalhador realizou, mas que o patrão não lhe pagou (descontando-se o valor das máquinas, o valor do aluguel da fábrica, o valor da água e da energia, o valor das matérias primas usadas na produção de mercadorias). Sem levar em conta toda essa complexidade econômica, mas só para se ter uma ideia do que vem a ser a mais-valia, responda: De acordo com a matemática apontada na charge, quanto seria, em dinheiro, a parcela de trabalho que o patrão não pagou ao trabalhador? Justifique sua resposta.
a-( ) equivalente a 20 reais; b-( ) equivalente a 220 reais; c-( ) equivalente a 240 reais;
d-( ) o patrão pagou todo o trabalho realizado pelo trabalhador;
JUSTIFICATIVA:

7-O fato de o personagem patrão estar vestido de preto e ser a maior figura da charge, em relação aos demais personagens, revela:
a-( ) que é o que tem menos poder na empresa;
b-( ) que é o mais elegante na empresa;
c-( ) que é o que tem mais poder na empresa;
d-( ) que é o que mais trabalha na empresa;
e( ) nenhuma das postulações anteriores:
JUSTIFICATIVA ACERCA DA SUA OPÇÃO DE RESPOSTA:

8-Produza um texto-discurso, explicando o que você **SACOU** a partir da leitura dessa charge que discute a problemática da exploração de Mais-Valia nas empresas!

Como pode se ler anteriormente, foram formulados enunciados do ponto de vista do professor-pesquisador, elaborador do material didático, apontando possíveis interpretações discursivas do *corpus,* fazendo valer o princípio teórico da Análise do Discurso de que o sentido não está no significante linguístico literal do texto-discurso, mas no jogo e nas lutas travadas no contexto sócio-econômico-político-ideológico. Trazer essa dimensão para o estudo da língua é o que chamamos de abordagem discursiva da língua, obviamente sem apagar a dimensão linguística, que, por uma questão de recorte, não trouxemos para o âmbito desse ensaio.

Vejamos mais um exemplo no *corpus* a seguir, pautado por aspectos da abordagem discursiva possíveis de serem abordados em aulas de língua materna.

Tirinha 2




Fonte: https://www.facebook.com/Adamaquefalavademaiseamavademais/ Acesso em 08/09/2020

1-Em relação ao *corpus* acima, marque (V) para os efeitos de sentidos pertinentes ao texto-discurso e (F) para efeitos de sentidos não pertinentes. Justifique sua resposta.

a-( ) Percebe-se o discurso de que ideológica e culturalmente as crianças estão cada vez mais envolvidas com as tecnologias que dão acesso às redes sociais;
JUSTIFICATIVA:

b-( ) Percebe-se o discurso de que ideológica e culturalmente os/as chefes de família têm sido bastante críticos(as) em relação aos vícios em tecnologias que dão acesso às redes sociais;
JUSTIFICATIVA:

c-( ) Percebe-se o discurso de que ideológica e culturalmente os/as chefes de família também têm sido aprisionados(as) pelo vício nas tecnologias que dão acesso às redes sociais;
JUSTIFICATIVA:

d-( ) Percebe-se o discurso de que os laços com o ser humano têm sido mais valorizados do que os laços com os bens materiais;
JUSTIFICATIVA:

e-( ) Percebe-se o discurso de que as redes sociais enfraquecem os laços familiares;
JUSTIFICATIVA:

f-( ) Percebe-se o discurso de contestação da reprodução das relações de produção, uma vez que é possível interpretar uma denúncia de que os valores dos bens produzidos pelo capitalismo têm ficado acima da valorização do ser humano;
JUSTIFICATIVA:

g-( ) Percebe-se o discurso de que os valores do materialismo têm tido mais poder do que os valores do humanismo;
JUSTIFICATIVA:

2- Por que esse enunciado e não outro em **"Ah, é, o menino também é meu."**? Justifique sua resposta.
a-( ) Força do discurso humanista (preocupação com o humano em primeiro plano);
b-( ) Força do discurso materialista (preocupação com o bem material em primeiro plano);
c-( ) Fraqueza do discurso humanista (preocupação com o humano em segundo plano);
d-( ) Fraqueza do discurso materialista (preocupação com o bem material em segundo plano);
JUSTIFICATIVA:

3-Produza um texto-discurso, discutindo qual o peso e a medida que as redes sociais deveriam/poderiam ter na vida das famílias modernas, levando em conta o limite entre o saudável e o doentio.

## *CONCLUINDO O TRAJETO*

Como esperamos ter deixado patente, ao longo do que foi debatido nesse ensaio, construir uma abordagem da língua que leve em conta o aspecto linguístico, mas que sobremaneira não apague a dimensão discursiva dos *corpora,* é um desafio didático que se coloca para a contemporaneidade. Não há o caminho, há caminhos, há trajetos, há construções. Quisemos aqui dar uma pequena amostra de como é possível, sim, inserir o estudo discursivo nos *corpora* a serem estudados em sala de aula. Portanto, escolher esse percurso passa por uma formação teórica em Análise do Discurso, mas antes e, sobretudo, por uma tomada de posição político-pedagógica. E que continue a interpelação. Com a palavra o devir histórico.

## *Referências*

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *O Discurso:* estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes. 2002.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas". In: GADET, F & HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani et al. Campinas: Unicamp, 1997.

*Recebido em agosto de 2020.*

*Aceito em novembro de 2020.*